

A Festa da Chiquita como Espaço de Comunicação e Resistência¹

João Lucas Muribeca FIGUEIREDO²

Ronaldo Palheta da SILVA³

Victória Ribeiro de OLIVEIRA⁴

Universidade Federal do Pará, Pará, PA

RESUMO

Orientado pelo professor Otacílio Amaral Filho⁵, sob os ensinamentos da disciplina Estudos de Temas Amazônicos 2, do curso de Comunicação Social - Jornalismo, da Universidade Federal do Pará, o trabalho aborda em seu conteúdo o significado representativo da Festa da Chiquita, evento cultural que ocorre anualmente à véspera do Círio de Nazaré. A festa tem um público majoritariamente formado por lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT). Este artigo busca mostrar a configuração histórica da festa, que se tornou espaço de resistência não apenas para a comunidade LGBT, mas para uma parte da população que é desfavorecida por sua condição econômica ou identidade de gênero. A pesquisa apresenta a comunicação de resistência presente na festa, pois o público ganha espaço para mostrar seus ideais, valores e sensações, bem como partilhá-los coletivamente de diversas formas.

PALAVRAS-CHAVE: Círio, Festa, LGBT, Resistência.

A Festa da Chiquita foi idealizada e criada pelo sociólogo carioca, Luís Bandeira, na década de 70. A partir de 1990, a festa passou a ser coordenada pelo artista Elói Iglesias, que propôs uma mudança na dinâmica do movimento, tornando-o uma festividade voltada para o público LGBT e simpatizante. De acordo com o historiador Antônio Costa, a

“Festa da Chiquita”, ocorrida na véspera da procissão principal e num trecho do seu percurso (Rua da Paz, em frente ao Teatro da Paz, à margem da Avenida Presidente Vargas), na noite de sábado para domingo, é um evento voltado principalmente ao público

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 24 a 26 de maio de 2017.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pará, email: lucasmuribecaf@gmail.com

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pará, email: ronaldojrpalheta@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pará, email: victoria_oliveira@globo.com

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal do Pará, email: otacilioamaralfilho@gmail.com

homossexual, em que ocorrem apresentações de cantores regionais, de grupos folclóricos, shows de travestis, entrega de prêmios artísticos, dentre outros (COSTA, 2009, p. 180, nota de rodapé 124).

Inicialmente, a Festa da Chiquita era chamada de Filhas da Chiquita ou Festa da Maria Chiquita. O nome deu-se a partir da famosa personagem das marchinhas de carnaval, Chiquita Bacana, “mulher existencialista que só faz o que manda o coração”.

Iniciada entre os anos de 1975 e 1976, como o nome de “Festa da Maria Chiquita”, ela reunia um grupo de boêmios, intelectuais, acadêmicos, artistas, jornalistas, fotógrafos, curiosos, etc. No entanto, era apenas um bloco carnavalesco. Porém, a partir de 1978, ano em que a festa foi transferida para o sábado da Trasladação, e devido às mudanças na estrutura e organização, a Chiquita transformou-se num dos eventos não-religiosos que fazem parte do calendário de comemorações religiosas do Círio de Nazaré. (FILHO, 2014, p. 10)

A Festa da Chiquita configura-se como espaço de articulação e acolhimento de pessoas consideradas “à margem da sociedade”, seja por sua condição econômica, de orientação sexual ou identidade de gênero. Esse momento de convivência mostra-se, mesmo sendo promovido pelo Movimento LGBT da região, como fator de inclusão e, nos últimos anos, tem atraído artistas, intelectuais e a população em geral que assiste às apresentações realizadas na festa.

O ambiente da festa, ao longo do tempo, concentrava-se na Praça da República, caracterizada como uma zona boêmia, que abrigou bares como o Canto do Uirapuru, a boate Papa Jimmy e especialmente o Bar do Parque ao lado do Teatro da Paz, onde ficavam concentrados os participantes da celebração.

Festa da Chiquita: sagrado x profano

Buscando se articular como um espaço de cidadania e, tendo como pano de fundo discussões importantes e cruciais da existência humana como sexualidade, política, arte e religiosidade, a Festa da Chiquita se afirma como um lugar de debate que levanta bandeiras e resiste contra as imposições de dogmas sociais representados nas instituições que norteiam o comportamento em sociedade.

Esse espaço de manifestação das diversas sexualidades envoltas por caracteres artísticos, como fantasias culturais a, ao longo dos anos enfrentou diversas barreiras, tanto de setores da organização do Círio de Nazaré e alas mais conservadoras da igreja, quanto embates com o próprio poder público. Esse aspecto se reforça no fato de a organização não reconhecer a festa como parte do calendário das comemorações nazarenas.

O pesquisador Milton Ribeiro do Programa de Pós-Graduação em Ciência Sociais da Universidade Federal do Pará corrobora que, apesar dos avanços no que diz respeito ao fortalecimento dos direitos da população LGBT, ainda há uma “homofobia institucional”.

Apesar da visibilidade das pessoas LGBT na Festa da Chiquita, da frequência cada vez mais “tolerada e permitida” em boates, bares, saunas, cinemas, clubes e festas e do fortalecimento dos contatos e das redes sociais (online ou off-line) existe uma intensa manifestação no sentido contrário, externalizada em

atos do que podemos chamar de homofobia institucional, como os descritos acima, operados por indivíduos e instituições contrárias às manifestações homoeróticas, isto é, a quaisquer divergências em relação às combinações impostas como “naturalmente determinadas” colocando os sujeitos que a expressam em lugar de desvantagem social; num período do ano, particularmente interessante em Belém, pois é o momento de maior sensibilidade religiosa... (RIBEIRO, 2014, p. 200)

Tendo em vista que o espaço transita entre a linha tênue do proibido e do permitido, as dinâmicas presentes na festa permitem atentar para alguns pontos interessantes de análise. Ainda segundo Milton Ribeiro, essa “festa dentro da festa” pode ser compreendida como resultado da afirmação política e das reivindicações dos sujeitos homoeróticos que tomam a Praça da República após a passagem da Trasladação na noite de sábado que antecede o círio. De acordo com Ribeiro,

...tudo isso envolto numa atmosfera onde a noite representa um papel importante por: permitir que as travestis, drag-queens, transexuais, lésbicas, gays, bissexuais e outros “carnavalizem” suas performances em plena noite de sábado, antes do domingo do Círio, no mês de outubro, no centro de Belém; contestar o “anonimato relativo” das sexualidades dissidentes, visto que, atualmente, o exagero faz parte da festa; e estabelecer um caminho de respeito e dignidade ao promover durante a festa os prêmios “Veado de Ouro”, “Botina de Prata”, “Amigo da Chiquita” e “A Rainha do Círio”. (RIBEIRO, 2014, p. 209)

Comunicação e resistência

Por outro lado, um aspecto importante que também pode ser analisado sobre a Festa da Chiquita é estudá-la sob a perspectiva da comunicação e, em especial, comunicação de resistência. Nesse momento em que ideais, valores e sensações são compartilhadas em coletivo e expressadas sob diversas formas, nota-se na festa, seu caráter de autoafirmação.

Maria Nazareth Ferreira, professora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, no artigo “Comunicação, Resistência e Cidadania: As festas populares” discorre sobre as festas populares como sistema de comunicação das classes subalternas e fortalecimento da memória histórica e da resistência cultural dessas classes. Segundo a autora,

As festas podem ser examinadas do ponto de vista da atividade lúdica, mas também como um acontecimento aglutinador da realidade das comunidades envolvidas, no sentido de avaliar seu potencial como formadora da cidadania, da conscientização e da participação social, porque um dos elementos mais significativos no processo de realização da festa é a transformação do indivíduo comum em protagonista daquele evento. (FERREIRA, 2006, p. 111-112)

Sendo assim, é imprescindível destacar como esse espaço em que se manifesta esse fenômeno claramente identificado como um objeto passível de estudos da

comunicação, torna-se um vetor de resistência em que práticas e manifestações que fogem ao padrão social confluem para a sua realização em um espaço aberto e democrático, no sentido de, dentro de sua conjuntura, poder proporcionar aos participantes maior liberdade de expressão.

É necessário salientar que a festa estabelece uma relação complexa com a realidade; não é uma simples reprodução ou inversão de sentido; a festa recolhe experiências que normalmente são vivenciadas em separado, e acrescenta sentido àquilo que no cotidiano é percebido como descontinuidade. Neste sentido, a festa estabelece uma relação com o seu contexto, ao menos, de dois modos: como inversão, na medida em que o tempo mítico inverte a realidade cotidiana, e como reprodução do mundo cotidiano; através da performance; a reprodução permite um acréscimo de sentido que pode ser o valor da reconstrução da identidade ameaçada e um aumento da percepção das relações sociais (a importância do sentimento de pertencer a determinada comunidade, cujas raízes são comuns, como nas festas populares), onde o processo comunicativo-cultural é dado através da performance, capaz de atrair a atenção de indivíduos estranhos à festa, como é o caso dos turistas. (FERREIRA, 2006, p. 115)

Portanto, partindo desse ponto de vista, a Festa da Chiquita encarna uma espécie de rompimento com a ordem estabelecida, configurando-se como uma voz que ecoa as experiências e vivências dos que se encontram a margem em diversos aspectos já mencionados e que não são contemplados pela celebração oficial do Círio de Nazaré.

A Chiquita dentro do Círio de Nazaré

A festa da Chiquita acontece em Belém do Pará no intervalo entre as duas maiores procissões da festividade de Nossa Senhora de Nazaré, a trasladação que ocorre no sábado à noite, e que sai da basílica santuário e vai até a catedral metropolitana de Belém, e o famoso Círio, que faz o sentido inverso da procissão noturna.

O Círio de Nazaré é considerado a maior procissão religiosa do Brasil, e uma das maiores do mundo. Cerca de dois milhões de pessoas se reúnem anualmente como forma de devoção à imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré. O público é predominantemente católico, porém existem pessoas de outras religiões que também fazem parte da romaria.

A cada ano se realiza um Círio de Nazaré de Belém: um momento do processo histórico da construção social de um espaço-tempo simbólico estruturado por legítimas razões de fé, com o concurso oportunista da alegria, da cultura, da política e do mercado. Trata-se, ao mesmo tempo, de oportunidade de validação da dimensão sagrada da vida e uma sua consagração profana (COSTA, DINIZ, FARIAS *et al*, 2006. Pg. 4)

A participação de diversas religiões acontece, principalmente, porque o Círio de Nazaré não é uma festa católica fechada. Muitas pessoas viajam até Belém para poder assistir a este evento que movimenta vários aspectos do estado do Pará, como a cultura e a economia. Por isso, é possível dizer que o Círio de Nazaré não é algo exclusivo da

religião católica, mas sim é um movimento cultural que abrange e atinge grande parte da população de alguma forma, e não importa a classe na qual essa pessoa se insere, seja ela social ou política, a festa do Círio de Nazaré consegue alcançá-la para que esta também se torne parte de um todo.

No Círio de Nazaré há um clima que dilui as barreiras e fronteiras entre o sagrado e o profano, entre o rico e o pobre, entre o católico e os membros de outras denominações. E, sobretudo, em ambas as dimensões se privilegiam o coletivo e a convivialidade em oposição ao individualismo engendrado pelas características urbanas. (FRUGOLI, R e BUENO, M. S, 2014. p 153)

Espíritas, protestantes e pessoas de outras religiões acompanham o Círio de Nazaré, de tal sorte que, o evento ultrapassa a sua natureza religiosa e acaba por se tornar um acontecimento cultural que faz parte da vida dos moradores da cidade e influencia fortemente o comportamento de pessoas que vêm atraídas pelo turismo cultural e religioso. Como explica Maria de Nazareth Ferreira (2006), “É em defesa de outra forma de turismo — o turismo cultural - que uma proposição para o estudo científico das atividades festivas das classes subalternas tem sentido”.

A quadra Nazarena é composta fortemente pela matriz religiosa que envolve toda a festa do Círio de Nazaré. São 12 romarias que acontecem durante os 15 dias de evento. Porém, um ponto importante de ser abordado neste trabalho é a relação que o profano tem com o religioso durante o Círio de Nazaré.

Como forma de dar voz a outras pessoas que vivem na margem da sociedade, mas que de alguma forma querem possuir um vínculo com a festividade do Círio, como os gays, lésbicas, travestis e transexuais, é que se realiza Festa da Chiquita. Organizada e planejada pela comunidade LGBT de Belém.

A festa da Chiquita começa logo após que a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré passa pela Praça da República, localizada na Avenida Presidente Vargas, na procissão da Trasladação que ocorre na noite de sábado que antecede a procissão principal.

A “Chiquita”, como é popularmente conhecida a festa, não é reconhecida pela igreja católica como parte integrante da festividade, porém o IPHAN, tombou a festa, assim como toda festividade do Círio como patrimônio imaterial da humanidade. No entanto, mesmo com esse reconhecimento, a igreja católica se opõe fortemente contra esta manifestação cultural.

Os festejos do Círio oscilam entre o polo religioso no qual a população comunga sua fé e celebra sua devoção e o polo profano que oferece a possibilidade de uma participação ativa na qual se criam momentos para a convivialidade e o compartilhamento festivo de seus valores. Se o sagrado propicia o conforto espiritual ou psicológico da proteção e do auxílio da Santa, o profano, através das manifestações festivas, promove a participação coletiva que une e integra a comunidade. Tudo vai permitir falar mais vigorosamente sobre as tradições e redinamizar as relações sociais e os valores comuns (FRUGOLI, R e BUENO, M. S, 2014. p 153)

A festa possui diversos elementos cenográficos e coreográficos, que a colocam em estilo carnavalizado. Pois além de envolver músicas e performances, o evento também envolve muitas fantasias, diversão e o seu sentido festivo.

A estudiosa Claudiana Soerense, utiliza os conceitos de Bakhtin para explicar de que forma os elementos da carnavalização se unem para formar o sentido completo da festa.

O carnaval constituía um conjunto de manifestações da cultura popular medieval e do Renascimento e um princípio, organizado e coerente, de compreensão de mundo. A organização e coerência vêm do riso, do caráter festivo que as diversas formas de manifestações carnavalescas (as festas públicas carnavalescas, os ritos e cultos cômicos especiais, os bufões e tolos, gigantes, anões e monstros, palhaços de diversos estilos e categorias, a literatura paródica, vasta e 328 multiforme, entre outros) possuem. A unidade de estilo e a relação com o riso constituem elementos agregadores da cultura carnavalesca (Soerensen, p.327).

Durante a festa da Chiquita, que costuma ocorrer até horas antes do Círio de Nazaré, muitas premiações e disputas são feitas. Como Os tradicionais prêmios “Veado de Ouro”, “Botina de Ouro” e “Rainha do Círio. Já o estilo musical varia desde tecnobrega, ritmo de grande influência paraense, até o pop internacional, e o público costuma lotar a Praça da República para ver toda essa programação.

Por outro lado, a festa possui uma dupla e contraditória potencialização entre conservação e criatividade cultural. De um lado, empurra o indivíduo à fuga, à evasão da realidade banal, do cotidiano, para mergulhá-lo no momento mágico da festa, que é também o momento do sagrado e do caos primordial. Essa evasão é provocada pelas técnicas que constituem a parte essencial da instituição festiva: o riso, o jogo, a dança, a música, a alegria, o descontrole orgiástico, o dramático etc. De outro lado, o clima festivo abre uma possibilidade psicológica e fornece uma carga de energia psíquica que permite ao indivíduo enfrentar com vigor e independência criativa as batalhas do cotidiano.(Ferreira, 2006. p 114)

A população LGBT de Belém tem a festa como um espaço de visibilidade. Sendo que este é o ponto principal que leva à reflexão da festa: a questão dos direitos coletivos que esta parte da população busca.

Mesmo antes das tradicionais paradas gays, a festa da Chiquita já existia para dar voz à comunidade gay, que assim como em várias partes do Brasil, em Belém também é muito recriminada. E ter esse espaço de diálogo e visibilidade é importantíssimo para estabelecer relações sociais e para tratar diversas questões que ainda hoje são tabus para parte da população, como a transexualidade.

Tanto no aspecto religioso quanto na dimensão profana, a festa do Círio supõe uma expansividade coletiva cuja função primordial é estabelecer relações sociais. Se por um lado o espaço das procissões e eventos religiosos sacralizam os espaços da cidade, por outro as relações sociais através da participação em eventos como o almoço do Círio, por exemplo, ganham o caráter solene de pertencimento coletivo. (FRUGOLI, R e BUENO, M. S, 2014. p 153)

Esse é o principal diferencial da Chiquita, além de ser um espaço de diversão, também é um espaço de questionamento para a quebra de paradigmas, tudo isso em meio a maior procissão religiosa do Brasil, organizada por uma instituição conservadora, que é a igreja católica.

Considerações finais

A Festa da Chiquita afirma-se cada vez mais como um espaço de comunicação e resistência, fruto de reivindicação e afirmação política dos diversos sujeitos que tomam a Praça da República, fazendo dela uma atmosfera que permite, desde o exagero, às práticas simples que são tidas como profanas, sobretudo dentro de uma festividade maior, que é o Círio de Nazaré. Através de um apanhado histórico, fazendo a leitura da evolução da Chiquita desde a década de 70, quando se deu início à manifestação, é possível verificar a consolidação da festa como um lugar de contestação que ganha seu espaço, sobretudo com o reconhecimento do IPHAN como patrimônio histórico.

Referências

COSTA, Antônio Maurício Dias da. Festa na Cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará. Belém: EDUEPA, 2009.

COSTA, Francisco de Assis *et al.* . O Círio de Nazaré: Economia e Fé. pág. 04, 2006.

FERREIRA, Maria Nazareth. Comunicação, Resistência e Cidadania: As Festas Populares. Comunicação e Informação, V 9, n° 1: pág 111 - 117 - jan/jun. 2006.

FILHO, Milton Ribeiro da Silva. A Filha da Chiquita Bacana: uma etnografia da Festa da Chiquita em Belém do Pará. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=8229&Itemid=76>. Acesso em: 6 de Outubro de 2016.

FRUGOLI, Ricardo e BUENO, Marielys Siqueira. O Círio de Nazaré (Pará, Brasil): Relações Entre o Sagrado e o Profano. p.153. 2014.

Gema-UFPE, Pela permanência da Festa da Chiquita na Praça da República: Para além do seu caráter sagrado ou profano ou simplesmente porque ela deve ficar onde mais incomoda. Disponível em: <<http://gema-ufpe.blogspot.com.br/2014/08/pela-permanencia-da-festa-da-chiquita.html>>. Acesso em: 4 de Outubro de 2016.

RIBEIRO, Milton. “Eu Sou a Filha da Chiquita Bacana...” notas antropológicas sobre a Festa da Chiquita em Belém do Pará. Gênero na Amazônia, Belém, n. 6, jul./dez., 2014.

SOERENSEN, Claudina. A carnavalização e o riso segundo Mikhail Bakhtin. Revista Travessias, edição XI, p. 327, s.d.